

Credenciado por CÂNDIDO SIMÕES FERREIRA

<sup>1</sup>Departamento de Geologia, Instituto de Geociências,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

<sup>2</sup>Observatório Nacional/CNPq, Rio de Janeiro, RJ.

<sup>3</sup>CPRM – O Serviço Geológico do Brasil, Residência de  
Teresina, PI.

Na região de São Raimundo Nonato, Estado do Piauí, são reconhecidas no mapa geológico do estado (CPRM – O Serviço Geológico do Brasil, *Mapa Geológico do Estado do Piauí*, 1:1.000.000, 1995) as seguintes unidades estratigráficas do Paleozóico inferior na borda sudeste da bacia do Parnaíba: o Grupo Serra Grande (indiviso), a Formação Pimenteira e a Formação Cabeças. Não obstante, nesse mapa geológico, é reconhecida localmente a ocorrência da Formação Ipu, a subunidade basal dentre as três – formações Ipu, Tianguá e Jaicós – que compõem o Grupo Serra Grande, do Siluriano (cf. Góes & Feijó, *Bol. Geoci. Petrobras*, 8, 1994). Por outro lado, as formações Pimenteira e Cabeças, que são mapeadas nessa região, pertencem ao Grupo Canindé, do Mesodevoniano-Eocarbonífero (cf. Góes & Feijó, *op. cit.*), o qual contém em sua base a Formação Itaim, que não é mapeada nem reconhecida como aflorante na região de estudo. Através de levantamentos estratigráficos de campo executados nessa região em junho de 1998, foi possível o reconhecimento de uma discordância dentro do intervalo de rochas mapeado na região como pertencente ao Grupo Serra Grande. Os estratos do intervalo inferior, abaixo da discordância, apresentam um mergulho para Noroeste ( $340^{\circ}/10^{\circ}$ ) e os estratos acima dela apresentam-se subhorizontais, o que implica na diagnose de uma discordância angular, apreciável visualmente nos afloramentos. O intervalo inferior, aqui correlacionado ao Grupo Serra Grande, tem espessura superior a 80m (possivelmente mais de 400m, conforme sondagens para água na região) e é composto por conglomerados finos a grossos (blocos até de 40 cm) e arenitos, quartzosos. A frequência relativa entre esses tipos litológicos no intervalo varia muito localmente (5–60%), ocorrendo também raros lutitos em camadas lenticulares finas (<1%). Na localidade do Desfiladeiro da Capivara/Baixão das Vacas, no Parque Nacional Serra da Capivara, onde os conglomerados são muito frequentes, foram reconhecidas duas sucessões (ciclos) de afinamento granulométrico de conglomerados para

arenitos nesse intervalo inferior. O intervalo superior, acima da discordância e sob a Formação Pimenteira, tem espessura estimada em 25m e é aqui correlacionado tentativamente à Formação Itaim. Embora também composto por conglomerados e arenitos, a frequência relativa destes varia menos de localidade para localidade no intervalo (ca. 40%). Dados petrográficos e de paleocorrentes, ainda sob análise, parecem corroborar a individualização de unidades litoestratigráficas distintas. A identificação dessa discordância angular entre os grupos Serra Grande e Canindé suscita a interpretação de atividade tectônica significativa durante o Siluro-Devoniano (pré-devoniano?) na bacia do Parnaíba. Informações geofísicas preliminares (Metelo *et al.*, XL Congr. Bras. Geol., *Anais...*, 1998, p.381) sugerem a presença de um gráben condicionando a distribuição do Grupo Serra Grande na região. — (27 de outubro de 1998).

\*Apoio financeiro da SR-2/UFRJ (Proj. 310502P0115), da Fundação Universitária José Bonifácio (Proc. 8084-5) e do CNPq (Proc. 400950/95-2); apoio logístico de campo da CPRM, Residência de Teresina, PI, e do IBAMA-PI.

#### **ILYOCYPRIS BERTINII, NOVA ESPÉCIE DE OSTRACODA DA FORMAÇÃO ADAMANTINA, GRUPO BAURU, CRETÁCEO SUPERIOR DA BACIA DO PARANÁ, BRASIL**

SÍLVIA REGINA GOBBO-RODRIGUES<sup>1</sup> E

SETEMBRINO PETRI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Pós-Graduação em Geologia, IGCE, UNESP, Rio Claro

<sup>2</sup>Departamento de Paleontologia e Estratigrafia, IG, USP.

A Formação Adamantina do Grupo Bauru tem revelado uma rica biota fóssil, contendo palinórfos e outros microfósseis, invertebrados e especialmente vertebrados.

Segundo Bertini *et al.* (1993, N. Jb. Geol. Paläont. Abh., Stuttgart, vol. 188, nº 1), a Formação Adamantina estaria situada entre os andares Cenomaniano e Campaniano, com base em vertebrados.

A maioria das localidades fossilíferas situa-se no Estado de São Paulo. A biota de vertebrados apresenta algum endemismo (Bertini *et al.*, *op. cit.*).

O material, motivo desta nota, é proveniente de um corte rodoviário ao lado da ponte do Córrego do Cedro,



localidade situada no Município de Presidente Prudente, região sudoeste do Estado de São Paulo, contendo bioturbações, fragmentos ósseos dinossaurianos, testudinos e um nível de arenitos muito finos, com matriz silto-argilosa, com grandes concentrações de ostrácodes.

Cunha & Macedo (1986, An. Acad. bras. Ciênc., vol. 58, nº 4) registraram, pela primeira vez na Formação Adamantina da região de Álvares Machado, sudoeste do Estado de São Paulo, indivíduos semelhantes ao gênero *Ilyocypris*, muito abundantes, portadores de tubérculos em número e desenvolvimento muito diversificados.

Campanha *et al.* (1993, Geociências, vol. 12, nº 2) citaram amostras provenientes da Pedreira Calcário Triângulo (Membro Ponte Alta, Formação Marília no Triângulo Mineiro) com ostrácodes na forma de moldes internos ou recristalizados, não preservando impressões musculares nem ornamentações detalhadas. O material incluía duvidosamente o gênero *Ilyocypris*? sp., devido à fragmentação e má preservação dos exemplares. Não houve menção destes espécimens a nível específico.

As características dos exemplares aqui estudados seriam diferentes das espécies conhecidas do gênero, notadamente de *Ilyocypris riograndensis*, do qual esta mais se assemelha, mostrando muitas similitudes no formato dos tubérculos e na ornamentação da carapaça. Distingue-se, contudo, pela forma diferenciada da carapaça, principalmente pelo bordo dorsal não sub-retilíneo, bordo anterior bem arredondado, margem do bordo ventral suavemente côncavo, ângulo cardinal anterior não aparente e ângulo cardinal posterior pouco marcado.

O material tipo, composto de cinco (5) carapaças, constituindo parátipos, mantidas em lâmina, encontra-se depositado no Museu de Paleontologia e Estratigrafia do DGS – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP – Rio Claro, sob o número URC AC•184.

Este novo taxon, no âmbito da biota da Formação Adamantina, foi encontrado associado a outros ostrácodes, mencionados em Gobbo-Rodrigues *et al.* (neste volume), representados pelas famílias Ilyocyprididae (*Ilyocypris riograndensis* e *I. argentinensis*) e Limnocytheridae (*Wolburgiopsis neocretacea* e *W. vicinalis*).

Esta assembléia de ostrácodes sinalizaria uma idade campaniana a maastrichtiana inferior para o nível estratigráfico da Formação Adamantina de onde foi coletada, por correlação com unidades geológicas isócronas da Bacia de Neuquén, contidas na Sub-zona *Ilyocypris riograndensis*, que marca, com precisão, estes andares do Cretáceo Superior. — (27 de outubro de 1998).

# OCORRÊNCIAS DE OSTRÁCODES NA FORMAÇÃO ADAMANTINA DO GRUPO BAURU, CRETÁCEO SUPERIOR DA BACIA DO PARANÁ, E POSSIBILIDADES DE CORRELAÇÃO COM DEPÓSITOS ISÓCRONOS ARGENTINOS.

## PARTE I — FAMÍLIA ILYOCYPRIDIDAE

SILVIA REGINA GOBBO-RODRIGUES<sup>1\*</sup>

SETEMBRINO PETRI<sup>2</sup>

REINALDO J. BERTINI<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Geologia Sedimentar, IGCE, UNESP, Rio Claro

<sup>2</sup>Departamento de Paleontologia e Estratigrafia, IG, USP.

A litoestratigrafia mais usada para o Grupo Bauru foi estabelecida por Soares *et al.* (1980, Rev. Bras. de Geociênc. vol. 10, nº 3), que dividiram-no em quatro unidades (Caiuá, Santo Anastácio, Adamantina e Marília). Outros autores discutiram sua divisão de maneira diferente, como Fernandes (1998, Tese de Doutorado – USP).

Os materiais analisados neste trabalho foram coletados em um nível estratigráfico, composto por arenitos cremes escuros muito finos, com forte matriz silto-argilosa, da Formação Adamantina, com grandes concentrações de ostrácodes, em um corte rodoviário ao lado da ponte do Córrego do Cedro, Município de Presidente Prudente, região sudoeste do Estado de São Paulo. Outros fósseis observados no afloramento foram bioturbações, restos de testudinos e alguns poucos fragmentos ósseos dinossaurianos.

Autores anteriores (Cunha & Macedo, 1986; An. Acad. Bras. Ciênc., vol. 58, nº 4; Campanha *et al.*, 1993, Geociênc., 12) registravam a presença de ostrácodes no Grupo Bauru, mas sem identificação específica precisa.

O material aqui noticiado inclui as primeiras ocorrências de ostrácodes descritos anteriormente apenas para a Bacia de Neuquén, Argentina. Outros espécimens do afloramento brasileiro, contendo os